



46

ESTADO DA PARAÍBA  
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE  
( CASA DE FÉLIX ARAÚJO )

PROJETO de Lei nº 122/2001  
Em 18 de setembro de 20 01  
Autor Romero Rodrigues

EMENTA: Denomina de ANTONIO PEREIRA DE ALMEIDA uma das novas ruas de Campina Grande e dá outras providências.

DISTRIBUIÇÃO

A Comissão Justiça e redação

para dar parecer:

S.S. Câmara Municipal de 09 de 20 01

[Signature] Presidente

[Signature] Secretário

Aprovado em sessão de 02 de 10  
de 20 01 em 1ª. votação.

S.S. Câmara Municipal  
No men.  
[Signature] Presidente

[Signature] Secretário

Aprovado em sessão de 02 de 10  
de 20 01 em 2ª. votação.

S.S. Câmara Municipal  
[Signature] Presidente

[Signature] Secretário

REDAÇÃO FINAL

Aprovado em sessão de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_  
de 20 \_\_\_\_\_



**ESTADO DA PARAÍBA**  
**Câmara Municipal de Campina Grande**  
**“Casa de Félix Araújo”**  
**Comissão De Justiça E Redação**

**PARECER AO PROJETO DE LEI n.º 122-2001**

**AUTORIA: Romero Rodrigues**

**I - RELATÓRIO**

Encaminhado pelo órgão competente, recebemos para emitir o competente parecer jurídico sobre sua legalidade e constitucionalidade, o Projeto de Lei n.º 122-2001, de autoria do Sr. Romero Rodrigues Veiga - Vereador da 13ª Legislatura da “Casa de Félix Araújo”, o qual denomina de ANTONIO PEREIRA uma das novas ruas de Campina Grande e dá outras providências pelo que reúne-se esta Comissão de Justiça e Redação para análise da legalidade e constitucionalidade da matéria.

É o Relatório

**II - VOTO DO RELATOR**

Pela r. propositura fica denominada de ANTONIO PEREIRA DE ALMEIDA uma das novas ruas de Campina Grande como forma de se demonstrar o apreço que esta Cidade tem por tão ilustre homem que tanto contribuiu para o engrandecimento de nossa cidade.



**ESTADO DA PARAÍBA**  
**Câmara Municipal de Campina Grande**  
**“Casa de Félix Araújo”**  
**Comissão De Justiça E Redação**

Da análise da propositura verifica-se que não há impedimento legal acerca do requerido vez que as disposições mandamentais inerentes ao caso estão devidamente cumpridas não havendo pois nenhuma vicissitude que o afete.

É o parecer do Relator.

**III – VOTO DA COMISSÃO**

Conforme discutido e relatado, a presente propositura, está a salvo de qualquer disposição que possa inquirir-lhe de ofensa de ordem constitucional *in concreto*, somos pela tramitação e aprovação do requerido.

É o parecer da Comissão.

S.S. das Comissões Permanentes “Deputado Petrônio Figueiredo”, em 28 de Setembro de 2001.



**ESTADO DA PARAÍBA**  
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE  
"CASA DE FELIX ARAÚJO"

RECEBIDO NA SECRETARIA  
EM, 18/09/01  
AS 11:00 HORAS.  
SECRETÁRIO

**PROJETO DE LEI Nº 122 /2001**

**DENOMINA DE ANTONIO PEREIRA DE  
ALMEIDA UMA DAS NOVAS RUAS DE  
CAMPINA GRANDE E DÁ OUTRAS  
PROVIDÊNCIAS**

Art 1º - Fica denominada de Antonio Pereira de Almeida  
uma das novas ruas de Campina Grande

Art 2º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua  
publicação

Art 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Plenário, 18 de agosto de 2001

**ROMERO RODRIGUES**  
Vereador (PMDB)-Presidente

# BIOGRAFIA RESUMIDA DE ANTONIO PEREIRA DE ALMEIDA

Por Agassiz Almeida Filho

Nasceu em 27 de setembro de 1901, na Fazenda Lages, situada nos arredores de Boa Vista, antigo distrito de Campina Grande. Antonio Pereira de Almeida, fruto da união de Miguel Pereira de Almeida e Ana Avelina de Sampaio. Em meio ao ambiente que elegeria mais tarde como berço de seu desenlace, viveu a sua infância. Até os dez anos, morou e respirou os ares dessa região tão peculiar. Sua mocidade, influenciada pela ideologia liberal que acometia a juventude de seu tempo, floresceu nos rincões da Fazenda Chameca, encravada na impiedosa caatinga que guarnece a cidade de Cabaceiras. Nessa ambiência conheceu as primeiras letras, ministradas que foram pelo professor Juvino Modesto de Albuquerque, a iniciar a formação das matizes de sua espirituosa personalidade. O curso ginasial concluiu em 1917, no Instituto 07 de Setembro, então dirigido pelo educador Clementino Gomes Procópio. Estudando no Colégio Diocesano Pio X, em João Pessoa, logo intentou o ingresso nos bancos do Liceu Paraibano, vertente originadora de tantos movimentos e correntes intelectuais que viriam frutificar na Paraíba até meados da década de sessenta.

O ano era 1920. Epitácio Pessoa ocupava o Palácio do Catete. A República Velha agonizava diante de sua iminente superação. A Paraíba erguer-se-ia contra o tradicionalismo político que arrastava o país a derrocada. Antonio Pereira de Almeida, durante o desenrolar desses acontecimentos, debatia-se entre a vocação que o impulsionava para a Medicina, emergente durante a formação de seu caráter, e as inquietações que o colocavam frente aos problemas sociais que tanto o revoltavam. A indignação e o reformismo, que tão escorreitamente caracterizam o verdor da idade, transpareciam nele como que conduzidas por um quase determinismo. A igualdade social e os valores informativos das grandes reformulações políticas apregoava-os abertamente, como um jovem. A política estadual esperava por sua fecunda contribuição.

Em 1924, ingressou na Faculdade de Medicina, da Universidade Federal da Bahia, lá permanecendo durante os dois primeiros anos de sua graduação. Buscando abeberar a efervescência científica que a Medicina experimentava, àquele tempo, na capital do país, transferiu-se para a Faculdade de Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro. Durante esse período, pôde vislumbrar, de microscópio em punho, as escusas filigranas que embalavam o poder político e conduziam a desigualdade societária, a maior das anomalias políticas, segundo seu entendimento pessoal. Continuando os estudos que efetivava na sede do Governo Federal, apreendeu grande parte dos ensinamentos que emanavam da genialidade do Dr. Miguel Couto, já consagrado como professor e cientista na área médica. Enquanto acadêmico, almejou especializar-se em ouvido, nariz e garganta - conforme terminologia utilizada na época. Conseguiu o seu intento a partir dos estudos que efetivou na clínica otorrino-laringológica dirigida pelo médico carioca João Marinho, de afamada reputação. Sua colação de grau deu-se em 29 de dezembro de 1929.

Em 1930, regressando a Paraíba, instalou o primeiro consultório que Campina Grande teve na área de sua especialidade, ocasião em que principiou o exercício da Medicina tradicional e plantou as sementes da socialização dos serviços médicos. Essa orientação seguiria por toda a vida, exercendo-a mais acentuadamente a partir da década de cinquenta. Foi integrante, ainda no início de sua carreira, do quadro clínico do Hospital D. Pedro I.

Após a eclosão da Revolução de 30, o idealismo prepondera sobre a serenidade e a tranquilidade que tão bem delineavam o caráter desse notável paraibano. Antonio Pereira de Almeida, em apurado esforço de síntese espiritual, transformou em apenas uma as duas grandes paixões de sua vida: a Medicina e a sede de justiça forjaram o caráter e a ideologia do político que exsurgia. Aderiu aos revolucionários, apresentando-se ao

capitão Jurandy Bizarria Mamede, sendo aproveitado no serviço de saúde que dava sustentáculo médico ao movimento. Ao findar do processo revolucionário, retoma suas atividades habituais.

A partir de 1932, assume a prefeitura de Campina Grande. Sua gestão perdurou até meados de 1934, quando renuncia à chefia do Poder Executivo municipal para assumir a titularidade do Serviço de Profilaxia Rural desta cidade. O político cede ante a vocação do médico. Inicia-se o trilhar da Medicina Social na Paraíba.

Nesse ano contrai núpcias com Higina Josita de Amorim, filha de Joaquim Manuel de Amorim e Benevenuta Nazareno Amorim. Ao seu lado, convivendo com a força e a determinação dessa mulher extraordinária, que muito dignifica à Paraíba e aos seus, constitui profícua e numerosa família. Desse enlace, nasceram Agassiz de Amorim Almeida, Langstein de Amorim Almeida, Anleida de Amorim Almeida, Ana Lúcia de Almeida, Maria Grasiela de Almeida, Rosa Maria de Almeida e Antonio Pereira de Almeida Filho. Herdeiros que são de tão fecundas e arraigadas tradições, construíram uma história própria. Vitórias e derrotas conheceram, sem que jamais viessem descurar do patrimônio que constitui seu mais caro legado: o exemplo que lhes foi deixado pelo passado que os honra.

Em meados de 1946, funda o Dr. Antonio Almeida, na Paraíba, a representação estadual do Partido Trabalhista Brasileiro. Tal empreitada levou a termo ao lado de Firmino Silva, Arnaldo Bonifácio de Paiva, Antonio Santiago Pessoa, entre outros. Filiado a essa agremiação, elegeu-se Deputado junto à Assembléia Constituinte Estadual de 1947 (único representante de seu partido), na qual exerceu papel de acentuada importância.

Instalada a Constituinte, assumiu a segunda vice-presidência dos trabalhos, o que veio a demonstrar sua habilidade política e o carisma que lhe devotavam os parlamentares que compunham a Assembléia Legislativa naquele período. Todos os demais integrantes da Mesa eram filiados à UDN, segundo nos informa a cadência literária do escritor Flávio Sático: *“Como vemos, apenas um parlamentar, o Deputado Antonio Pereira de Almeida, do partido trabalhista, era estranho aos quadros da UDN”*. Integrou o poder sem dele participar, mantendo a coerência que o credenciava perante a comunidade que o fez representante de seus clamores. Na vida política, pautou-se pelos princípios norteadores da altivez e da independência, permitindo às gerações que o sucederam o vislumbrar de um exemplo de integridade, lucidez e ética na política.

Participou da comissão que deveria elaborar o projeto da Constituição Estadual, a ser discutido, votado e aprovado em momento ulterior. Nesse contexto, foi membro da subcomissão que deveria dar corpo ao Poder Judiciário estadual, juntamente com Pedro Gondim e Nominando Diniz.

A Constituição Estadual de 1947, dando corpo à democracia que se esperava restabelecida, foi promulgada em 11 de junho, em sessão solene. Ocuparam a tribuna, na ocasião, os Deputados Seráfico da Nóbrega, João Lelis, João Santa Cruz e Antonio Pereira de Almeida. Aqui transcrevemos, pela mensagem de otimismo e fé no futuro da Paraíba e de seu povo, parte das palavras proferidas por este campinense que tanto amou a sua terra e aos seus valores:

*“Sr. Presidente,*

*Em nome do Partido Trabalhista Brasileiro, tenho a honra de congratular-me com os meus pares e com a Paraíba pela conclusão da feitura da Carta Constitucional, promulgada nesta hora, como exemplo de vitalidade do nosso povo, de amor ao trabalho e as normas constitucionais que norteiam todo o mundo civilizado.*

*Aqui está a Paraíba, alegre por ver seus filhos cumprindo um dever sagrado, qual o de traduzir os elevados anseios de seu povo, dentro de uma atmosfera de verdadeiro espírito público.*

*Felizmente, tivemos compreensão dos elevados princípios de fraternidade, resultando em uma cooperação recíproca e espontânea dos partidos no sentido de um sagrado objetivo: a feitura de uma lei...*

*... Constituição que ora se promulga criou uma nova estrutura legal. É que nelas foram aguçados os objetivos sociais da época manifestados pelos anseios populares.*

*... para restaurar a Paraíba a sua autoridade, deixando-a construir livremente o seu destino e seu futuro.*

*É nisso que enchemos fortes e termos, e para honrarmos as nossas tradições e a estrutura da nossa grandiosa*

*Estado definitivamente, em um período de ordem, justiça e liberdade. Que apreço tenho para construir a obra social que o pós-guerra reclama. Muito obrigado a*

*todos.*

Antonio Pereira de Almeida, pela seriedade e pela postura que o acometiam, abriu veredas que permitiram seu caminhar por entre múltiplos segmentos políticos e variados núcleos de emanção ideológica, o que fazia dele um conciliador por natureza. Se não prestou serviços ao Estado continuamente, o fez em relação às pessoas e às comunidades que o integravam. Abandonou a política consciente de que havia bem cumprido o seu papel.

Apos o término de seu mandato, recolheu-se à vida privada para exercitar os cânones que davam sustentáculo a Medicina Social. O definitivo regresso a Boa Vista, marcado pelo encontro com suas mais remotas e profundas origens, assinalou inelutavelmente sua vida e a história desse pedaço de Cariri. Clinicou para os desvalidos. Amparou aqueles que nada tinham. Tratou das chagas que infestavam o peito sofrido do homem que nada possui, senão uma sina atormentada pela incerteza. Não podendo curar, dava-lhe o alento precioso. Foram trinta anos de dedicação extremada ao telurismo.

Nesse período iniciou a maturação de "Os Oliveira Ledo e a Genealogia de Santa Rosa". Trabalho de grande fôlego, nasceu de quase três décadas de sistematização incansável e pesquisas intermináveis. Enfim, surgiu a obra em 1978. Sua importância histórica e metodológica atravessou fronteiras, singrando mares e engolindo distâncias. O nome desse notável brasileiro, por intermédio da "Revista de História, Heraldica, Genealogia e Arte" de Portugal, irrompeu na Europa. Para glória e orgulho nossos, a Paraíba se faz representada junto a Biblioteca Nacional de Portugal e à Universidade de Coimbra, que passam agora a dedicar-se à análise de tão precioso conteúdo historiográfico.

Médico, político, escritor, historiador, um verdadeiro idealista, faleceu em 18 de janeiro de 1981. A Paraíba foi seu berço e o acolheu em seu desenlace para a eternidade.

"Sou apenas um homem do povo, que ama suas origens e vela pelo bem-estar de seus contemporâneos". Este foi Antonio Pereira de Almeida. Homem inquieto, cuja razão de viver foi o apego e o respeito que devotou por suas raízes e pelo que elas representaram.

## O CAMINHAR DOS OLIVEIRA LÊDO

Agassiz Almeida

O dia 27 de setembro deste ano 2001 assinala a passagem do centenário do nascimento de Antônio Pereira de Almeida.

O que carrega o nosso destino neste momento, quando nos vem a imagem do homem e do pai, para buscar no fundo de um ser desta enorme raça humana que, há vinte séculos, enche de mistérios, dores, lutas e gritos o seu caminhar .

De onde vêm esses mistérios e gritos que ecoam pelos labirintos das gerações? Da Espanha, de Garcia Lorca; de Portugal, de Camões; da Índia, do Ganges, o rio sagrado; de Paris, de Danton e Napoleão; de Sapé, de João Pedro Teixeira; e de Boa Vista,\* de Antônio Almeida.

No fundo do século XX, no seu alvorecer, nascia e iria caminhar no fatalismo do seu determinismo quase místico, dos carrascais dos cariris, dos contrafortes da serra do Monte, aquele que em vida chamou-se Antônio Pereira de Almeida.

Que cesse por um instante esse turbilhão da aventura humana, para eu encontrar, pelas décadas adentro, algumas passagens de meu pai, cuja vida podemos resumi-la em duas razões de ser: a acendrada paixão pelo povo de Boa Vista e o enorme esforço de pesquisa por quase vinte e sete anos, para conferir e construir no labirinto das gerações a obra, *Oliveira Lêdo*.

Que penoso, que laborioso e persistente trabalho elaborou Antônio Almeida para erigir a construção genealógica dos Oliveira Lêdo, do qual desponta o capitão-mor Teodósio de Oliveira Lêdo, a partir dos fins do século XVII. Sertanista desbravador e colonizador da Paraíba, foi o fundador da cidade de Campina Grande e de outros núcleos paraibanos. Por ele e tantos outros bandeirantes e sertanistas o Brasil, fez-se este país-continente.

Neste mundo de tanta pobreza moral e mental, apontemos aqueles que, com coragem, pelos séculos adentro, e hoje, na amplitude de suas visões e coerência de posições, construíram este país, de um povo imenso, e ao mesmo tempo tão malbaratado e oprimido.

Um dia, lá pelos inícios da década de 1960, meu pai me telefona e diz: - Preciso ir a Olinda e Recife, em alguns mosteiros e igrejas, a fim de realizar pesquisas sobre os Oliveira Lêdo (ressalte-se, os Oliveira Lêdo são descendentes de Teodósio de Oliveira Lêdo). Prontifiquei-me a acompanhá-lo. Chegamos numa igreja em Olinda, não me lembro o nome,

por volta das 9 horas da manhã. Encontramos o padre Anísio, que já nos esperava. Foi ali, que vi meu pai debruçado sobre empoeirados livros de batismo e nos "registros do vigário," como eram conhecidos certos documentos dos meados do século XIX, procurando encontrar o batistério de um tal Antônio Sampaio, de quem comecei a compreender o grande esforço nas suas pesquisas genealógicas. Às 14 horas, fomos a um pequeno bar próximo à igreja. Fizemos um lanche com mariola (bolacha preta feita de rapadura e farinha) e suco de laranja. Voltamos. Quando me dirigia a porta da igreja, deparei-me com um vulto de batina preta, a quem perguntei: - Como posso conhecer um missionário jesuíta, para me instruir sobre o papel da Companhia de Jesus no mundo, desde o século XVI? O sacerdote olhou-me com surpresa e respondeu: - O senhor está falando com um jesuíta. Por mais de três horas conversamos. Já ao entardecer volto à sala dos arquivos, e lá permanecia meu pai mergulhado em alfarrábios, numa absorção como se fosse encontrar o mistério da origem da vida. Ele precisava construir uma montanha genealógica sobreposta por gerações e gerações. Foi naqueles livros esmaecidos pelos tempos que ele iria encontrar os caminhos para transportar aquela multidão de seres que se entrecruzam nas dobras das décadas.

Precisava levantar um monumento histórico e o fez, tendo por alicerce a casa - grande de Adriana, filha de Teodósio.

Para a construção desta obra histórica-genealógica Antônio Almeida foi tudo, engenheiro, pedreiro, servente e até tangedor de burros.

Ninguém compreendeu este seu mundo no esforço intelectual por entre uma multidão de anônimos, tragados à eternidade, que sofreram, gritaram, amaram e procriaram por quase três séculos. Todos ali estão registrados e nominados, os bons e os indignos, os fortes e os pusilânimes, os bufões e os lutadores na enorme obra de escafandrista por entre aqueles intrincados labirintos de seres humanos.

A esta paixão de escafandrista, uma outra iria se agigantar tão imensa como aquela: o seu amor incomensurável que devotou, quase fanaticamente pela terra e gente daquele pedaço de cariri. Estas foram as grandes paixões do seu existir. Por elas, abandona a medicina profissionalizante. Ao seu consultório médico, no edifício do Comércio, na rua Marquês de Herval, em Campina Grande, substituiu-o por um templo de solidão e reflexão: a fazenda Lages, próxima a Boa Vista. Ali, erigiu anteparo e fortaleza contra os turbilhões do mundo, fazendo-se missionário de uma terra e de um ideal; pedestral genealógico onde assentou a sua obra.

Quase toda a aventura humana, revolucionária, política e literária, tem o seu Sancho Pança: meu pai, teve três: Paulinho de Aúrea, aliás bom caráter, Edvaldo Perico, um iconoclasta, e Orlando de Maurício, protótipo de uma etnia em que as fronteiras do mal e do bem se confundem.

À força de acompanhar o sofrimento dos infortunados, o solitário das Lages acabara se afeiçoando, de um certo modo, ao sofrimento, e nele encontrava uma alegria amarga. Dizia:

- *O que me agrada é estar aqui nas Lages ou em Boa-Vista.*

Foi um assustado com os turbilhões do mundo e com as truculências dos poderosos, por isso muito o atormentavam as porfias que enfrentamos, eu e Langstaine, nos pesados embates ideológicos nos meados da década de 1960.

O golpe militar de 1964 lançou sobre a nação longa noite de ditadura, por quase vinte anos, arrastando tantos brasileiros aos cárceres e à morte. Como reação de sua parte, albergou solitário recolhimento na sua tenda telúrica, a fazenda Lages, onde iria amargurar um silêncio doloroso.

Com serenidade Antônio Almeida atravessou a ignominiosa ditadura fardada, e lá dos seus tugúrios, das Lages, da serra do Monte, ou do planalto onde se ergue uma cruz próxima a Boa-Vista, chamada "Cruzeiro", o médico dos desenhados iria divisar triste e atormentado, o choque das duas grandes forças que abalaram o mundo no século XX : o capitalismo e o socialismo.

Repletas de cólera e doçura, de indignação e grandeza, de destempero e energia, as gerações de 1960 assinalaram para o mundo e para o Brasil uma nova ordem político-social. O telúrico médico do cariri boavistense atormentou-se ante esta refrega

Quanto mais torturantes se faziam os homens do poder militar contra os vencidos pela quartelada, transvestida em "revolução", crescia o solitário das Lages na elaboração da obra perscrutadora de gerações que é o livro *Os Oliveira Lêdo*.

Chega-me à lembrança este fato ocorrido nos meados da década de 1960. Certa vez, quando saía da casa de tia Zefa, na rua Otacílio de Albuquerque, em Campina Grande, encontro meu pai caminhando em direção ao centro da cidade, abatido. Desperto-lhe: - Velho, está sofrendo alguma coisa? Fitando-me disse, num gesto abrupto:- Nada, não, Olhei e retruquei:- O senhor está com algum problema. Aí, ele respondeu: - Preciso conversar com você. E foi logo desabafando: - Você não sabe, nem as meninas, que eu fui demitido das funções de médico do posto de saúde de Campina em meados da década de 1940. Estou em difícil situação financeira em face da longa estiagem que assolou o cariri. Omiti sempre de vocês este fato. Contrafeito, ouvi o desatar daquela angustia. Há poucos meses eu tinha assumido o mandato de deputado estadual. Preocupado, viajei a João Pessoa. O governador era Pedro Gondim. Assim que cheguei na capital, dirigi - me à orla marítima, em Tambaú, onde Gondim residia, e fui logo fazendo o pedido para readmiti-lo aos quadros de médico do Estado. Pedro me atendeu e falou:- Almeida quer ir para João Pessoa ou Campina?- Eu não sei, governador, vou procurar saber dele. Da casa do

governador, telefonei e perguntei: - O governador quer saber para onde o senhor quer ser nomeado, Campina ou João Pessoa?- Se for possível, Boa-Vista Eu lhe disse:- Boa-Vista não tem posto médico. Ele respondeu:- Olhe, meu filho, diga ao governador que pode me nomear para Cabaceiras. A distância de Boa-Vista a Cabaceiras é aproximadamente de uns trinta quilômetros .

Foi sempre assim, queria estar no seu mundo, o cariri, assistindo e medicando aquela gente, apostolicamente, sem nada cobrar.

Que contraditórios são os destinos que se desabrocham da humanidade, uns se vocacionam para servir, quase como uma predestinação; outros tantos se fazem indignados e combatentes por novos tempos e ordens sociais. Paradoxalmente, uma multidão caminha indiferente a todos os choques, tendo a lhe despertar unicamente o dia- a - dia da sobrevivência.

Alguém pergunta. Quem tem afinal os caminhos do futuro ? O destino, talvez.

Em 1934, o liberal combatente da Revolução de 30 e o assustado solitário de 1964 iria conhecer e abraçar, em laços matrimoniais, egressa de uma vila às margens do rio Paraíba, chamada Barra de Santana, distando cinquenta quilômetros de Campina Grande, descendente de uma forte estirpe de colonizadores lusitanos: Josita Almeida, uma destemida mulher.

Pela formação fortemente patriarcal da sociedade brasileira os anais da historiografia omitem sempre o papel que as mulheres exerceram no curso dos acontecimentos, anônimas e silenciosamente.

Das caatingas cearenses, como revolucionária de 1817, desata-se como grande lutadora, Bárbara Alencar, acerca de quem o sábio Arruda Câmara deixou expressa essa passagem: "Dona Bárbara do Crato devem olhá-la como heroína". Esta outra valente do século XX, Josita Almeida, a quem Cristovam Buarque dimensionou a sua coragem no prefácio "A Aventura do Brasil."

Daquela intemorata mulher conheci grandes episódios que muito me marcaram, e aos meus irmãos, como lições de vida.

Rememoremos algumas. Nos fins da década de 1940, ainda menino, presenciei o cangaceiro Antônio Silvino ser desafiado e humilhado por ela. Eu perguntei:- O que é isso, minha mãe?- Não é nada não, estou revidando a este canalha o que ele fez com o meu pai em 1927, em Barra de Santana, quando este bandido aterrorizava a região do cariri.

Em anos da década de 1940, um seu irmão médico, José Augusto Amorim, morre em consequência de enfermidade contraída durante o período em que esteve preso nas masmorras da ditadura Vargas, na interventoria de Argemiro de Figueiredo, acusado de comunista e tramar contra o Estado Novo. Nessa mesma época, o então deputado federal Argemiro procurou-a solicitando apoio político. Eis a sua resposta: -Nego

qualquer apoio enquanto o senhor não se explicar sobre a prisão e morte de meu irmão José Amorim.

Irrrompe pelo país a hecatombe militar de 1964, arrastando a nação a quase vinte anos de ditadura. O comando do IV Exército, em Recife, foi entregue ao general Justino Alves Bastos, um fantoche nas mãos dos coronéis. Logo nos primeiros dias de abril de 1964, eu e Langstaine fomos presos e desterrados à ilha de Fernando Noronha.

Desfecha-se terrificante notícia de que os presos políticos desterrados àquela ilha seriam fuzilados. Alastram-se, por todo o país, bárbaras truculências comandadas pelos militares. Dos porões dos quartéis, presos eram arrancados para torturas e mortes.

Justino Alves transvestiu-se no vice rei do Nordeste e num leviatã do terror, com a maioria dos governadores nordestinos agachada ao seu arbítrio imperial.

Transtornada pela violência dos acontecimentos, Josita Almeida, como um David do século XX, conduzindo como arma apenas a coragem de mãe e a fé das destemidas, viaja a Recife e, lá na sede do comando do IV Exército, depois de uma espera de mais de dois dias, defronta-se com um truão militarizado, o general Justino. Desfecha-se este diálogo.

- General, os meus filhos Langstaine e Agassiz estão presos ?
- Estão, sim. Responde o general.
- Em que quartéis?
- Isto é segredo militar, pois, estão incomunicáveis.
- General, venho lhe dizer o seguinte: se um dos meus filhos for fuzilado, o senhor ou qualquer um dos seus familiares pagarão com a vida.

Assis Lemos relata, em seu livro *Nordeste, o Vietnã que não houve*, uma parte deste fato.

Casam-se Antônio Almeida e Josita em 1934. Desta união nasceram Rosa Maria, Antônio, Anleida, Lagstaine, Ana Lúcia, Agassiz e Graziela.

Todos os sete filhos lutaram sem se curvetearem a qualquer forma de poder. Nesse raiar do século XXI, vão caminhando sem renegar a resistência dos seus ancestrais que atravessaram oceanos, desbravaram matas e expulsaram holandeses.

Em pinceladas, descrevemo-los.

A angelitude tem guarita na mulher simples e forte, tímida e humana de Rosa Maria.

Condutor de multidões na mocidade e desafiador das grandes reformas sociais, Langstaine amadureceu conciliando a inquietude dos revolucionários com a paz de um ermitão. O reformador de 1964, já nos finais do século XX, fez a reforma agrária em suas próprias terras.

Tempestuosa e voluntariosa, Ana Lúcia é como o albatroz, ave dos Andes, que sobrevoa as procelas serenamente. Universalizou-se. De Miami a Belém do Pará, do misticismo hindu que os contrafortes do Himalaia

albergam às luminosidades irradiadas de Paris, fez-se cidadã do mundo, sem perder as suas raízes telúricas em Tambaú

Predestinada para um mundo, onde a trágica sinfonia da dor é a melodia constante do seu viver, Anleida é uma sacerdotisa da medicina que desconhece de onde vêm os gemidos, se do choro de uma criança desvalida ou se do pranto de um infante rico. O hospital Amip é o seu templo. Dali irradia um evangelho de que a medicina é antes de tudo um sacerdócio.

Na sua inquieta economicidade, estampando na face um riso quase constante, determinada e obcessiva, Maria Graziela é a mulher lutadora que analisa sem estremecimentos, desde a arte simples de uma igreja em Boa-Vista até a monumental linha arquitetônica de uma catedral como a da Sagrada Família, em Barcelona.

Por ela, a genialidade do Aleijadinho nivela-se à arte catalunã de Godhi.

Enigmático e de um temperamento imprevisível, não transigindo com a pusilanimidade, Antônio Filho é este indecifrável. Estando no Amapá ou em Salamanca, não se encontra em lugar nenhum. Alguém dirá: - Assim é um zumbi! Não, é um forte!

Ecos de vozes ressoam dos chapadões dos cariris de Boa-Vista e de Barra de Santana, trazidos pelos ventos da Borborema, e bradam:- E você, Agassiz?

Eu sou um pouco deles e muito de uma mulher chamada Josita.

E esta mesma voz pergunta:- Para onde vão? Pelas mãos do destino vamos conduzindo a tocha emblemática dos Oliveira Lêdo para o imponderável dos tempos, sob o pálio *ventu venturi* (aos ventos que hão de vir).

-Que tempos são esses, interroga a voz ? Pergunte a Deus.

\* A vila de Boa-Vista foi elevada à categoria de cidade desmembrada do município de Campina Grande . Antes de pertencer a Campina Grande, integrava o município de Cabaceiras.

Boa-Vista localiza-se na região do cariri paraibano, distando de Campina Grande aproximadamente uns cinquenta quilômetros . A sua elevação maior situa-se na serra do Monte, que pertenceu à antiga fazenda Lages, onde Antônio Pereira de Almeida elaborou a sua obra de pesquisa genealógica, *Os Oliveira Lêdo*.